

Clipping UERGS - Assessoria de Comunicação (Ascom)

Assunto: Bogo defende renegociação da dívida do Estado

Veículo: Diário Popular

Editoria/Coluna: Cidade

Data: 07-09-2022

Local/Abrangência: Pelotas

Link/Página:

<https://admin.uergs.rs.gov.br/upload/arquivos/202209/27161524-07-09-2022-diario-popular.pdf>

Formato:

Impresso

Internet

Rádio

TV

Enfoque:

Positivo

Negativo

Neutro

Vicente Bogo (PSB) é o terceiro entrevistado da Sabatina DP.

A série começou a ser publicada no dia 31 de agosto e tem o objetivo de apresentar propostas e posições dos candidatos ao governo do Estado sobre temas relevantes para o Rio Grande do Sul.

Confira os principais trechos.

DIÁRIO POPULAR - Por que o senhor aceitou ser candidato na última hora e o que espera da sua candidatura?

VICENTE Boco -Tenho uma trajetória que não precisaria buscar nenhuma outra posição para estar satisfeito com o meu trabalho, mas a vida segue, o momento reclama e eu acabei aceitando.

Em princípio ao Senado porque nosso partido tinha definido o nome de Beto Albuquerque, mas ele próprio declinou da candidatura e eu acabei chamado pelo partido e aceitei o desafio porque me sinto preparado para assumir e coordenar o governo e por entender que o Estado precisa hoje fazer mais convergência, mais organização social, trabalhar mais com as entidades e os Coredes.

O Estado tem que trabalhar mais com os municípios, descentralizar, levar as coisas para as comunidades.

DP- Qual a avaliação do senhor sobre as mudanças que a política e os governos sofreram com modernizações das legislações?

VB- Desde 1988, quando promulgamos a Constituição, muita coisa mudou. Hoje, o descrédito é muito grande e a gente viu acontecer coisas que comprometem o princípio democrático, como a criação das emendas secretas. A mudança também atingiu a Constituição e de lá para cá já foram aprovadas 108 emendas constitucionais.

Houve muitas alterações e leis, como a de responsabilidade fiscal, que eu apoio, veio uma lei para combater a corrupção no serviço público. Também pensar como evitar os desvios nos processos de compra sem gastar tanto tempo.

Temos que resolver esses gargalos que atrapalham a licitação pública. De outra parte, a gente tem engessamento porque o governo não tem muita autonomia e piorou agora com o Regime de Recuperação Fiscal. Estamos diante de um quadro delicado, não é verdade que a situação está controlada.

DP - O senhor fez parte de um governo privatista. Então, qual sua opinião sobre as privatizações? Quais empresas pretende privatizar?

VB- Eu não sou privatista e não sou estadista. Entendo que o Estado é o ente mediador do pacto social, é a estrutura que tem que ser funcional para o bem das pessoas, para o desenvolvimento.

Se o governo é capaz de fazer bem a custo salutar, pode fazer e seguir fazendo. Se o governo olhar e o privado for capaz de fazer melhor a menor custo por que gastar mais, se pode gastar menos? Então temos que olhar caso a caso. Temos que tornar o Estado eficiente e trazer produtividade para dentro do setor público.

Quando fui vice-governador, o Estado já estava endividado. Se o governo atual não concluir a privatização da Corsan eu não pretendo privatizar, quero reavaliar essa situação no ano que vem. Assim como no caso do Ban-ri sul. Tem quem queira vendê-lo para utilizar no custeio do governo, sendo que é praticamente o último bem de valor do Estado.

O patrimônio público tem que ser melhor cuidado, então não vou privatizar o Banrisul, quero que ele seja não um banco comercial para concorrer com os privados, mas sim um banco para financiar o projeto de desenvolvimento.

DP- Em linhas gerais, suas propostas se alinham com as do PT. Em nível federal é apoiado pelo PSB, que inclusive indicou o candidato à vice-presidência.

Por que no Estado não houve esse alinhamento?

O senhor não acha que essa divisão entre PT e PSB enfraquece os dois polos?

VB- Lá em Brasília houve uma discussão nacional pela qual o PSB coligou com o PT e colocou o vice para compor a chapa com o Lula. Então, os partidos fazem coligações nacionalmente e os partidos daqui não são determinantes nessa decisão. Eu tenho que respeitá-la, está dentro da regra democrática. Então, os nossos candidatos são Lula e Alckmin.

Aqui no Estado houve um esforço de coligação, mas isso não se realizou por vários fatores. É legítimo que cada partido tenha sua candidatura, mas juntos seríamos mais fortes, com certeza. E não somos iguais, PSB não é igual à lógica do PT. Temos compromissos idênticos com os mais necessitados, com a economia popular, mas nossa visão é diferente.

DP- Trazendo a polarização da eleição presidencial, que fatores positivos e negativos o senhor pode transferir para o RS e para todos os candidatos?

VB- Independentemente se vai ganhar A ou B estamos num sistema federativo, somos parte de uma nação e eu vou fazer a representação republicana dos interesses do nosso Estado junto a quem governar o país, para ajudar o Brasil a superar seus problemas e para que o Brasil nos ajude também. Vou trabalhar em colaboração naquilo que for positivo, seja quem for o presidente do Brasil. E vou retomar uma discussão sobre esse tema da nossa dívida e do regime fiscal, não é que não vou cumprir, mas vou discutir para mudar.

DP - No seu plano de governo consta a expansão do ensino integral e técnico. Essa é uma proposta que consta na maioria dos planos.

Quais suas propostas para conseguir concretizar de fato essa promessa antiga?

VS- Estamos num dos piores momentos em termos de educação pública no RS. Já fomos modelo para o país. As evasões também são dramáticas. Hoje, no Brasil, cerca de 15,5% dos alunos já têm turno integral.

No RS, de cada cem apenas dois estão no turno integral. É preciso valorizar o Magistério, os trabalhadores da educação.

Temos que fornecer equipamentos e sobretudo a melhoria da estrutura, dotando as escolas de acordo com suas características como laboratório de ciências, de informática ou mecatrônica, até porque as novas profissões estão na área tecnológica.

Temos que melhorar desde o Ensino Básico até o Ensino Médio. E se não investirmos na educação profissional não vamos mudar a expectativa dos jovens e nem empresas vão se instalar e ampliar. Também entendo que a **Uergs** pode ir progressivamente avançando nesta área e se tornar a nossa universidade tecnológica.

DP - No governo Britto se anunciou a pavimentação de uma RS aqui da região, a 608, em Pedras Altas. Por que o senhor considera que demora tanto a se resolver esses problemas e outros que atravancam o crescimento das regiões.

Como o Estado pode agilizar isso?

VB- São duas coisas: às vezes o governo não contrata porque está em déficit. Quando eu estava lá com o governador Britto conseguimos fazer receita no último ano. Acho que um governo tem que ter responsabilidade de contratar uma obra e deixar o dinheiro para concluí-la. Um erro que se comete no Brasil é que com facilidade se anuncia uma obra e depois não se tem o dinheiro. Então, não se deve contratar o que não se pode fazer, isso é enganar o povo. Tenho a experiência de ter criado o Reconvertul que viabilizou, por financiamento federal, R\$ 600 milhões abrangendo inúmeros projetos. Quero dar uma atenção especial à Zona Sul porque ainda temos muita desigualdade no Estado.